

Arte Relacional e Participação na Vida Urbana

Nayara Benatti

Resumo

Colaborar com a compreensão do uso atual de espaços urbanos e processos que incentivem a participação dos moradores de forma engajada na perspectiva da Estética Relacional de Nicolas Bourriaud e na crítica feita por Claire Bishop quanto à participação.

Palavras chave: participação; estética relacional; Bishop; Bourriaud.

1. Introdução

Este trabalho tem como proposta investigar, com base nos conceitos de Estética Relacional desenvolvidos por Nicolas Bourriaud (2002) e Participação na perspectiva de Claire Bishop (2006), os distintos usos e ocupações de espaços públicos por parte da sociedade civil, buscando intervenções sociais que criem novas estéticas urbanas e relacionamento entre os moradores e a cidade.

O trabalho é um dos objetivos da pesquisa de mestrado que explora repertórios de ação e práticas urbanas que promovem apropriações, por parte da sociedade civil, de espaços públicos na cidade através de intervenções sociais e mediações culturais que busquem reestruturação, requalificação e reabilitação funcional e simbólica desses espaços, incentivando transformações sociais e conscientização do papel de cidadania dos moradores. A pesquisa tem seu campo delimitado por intervenções que ocorrem através do esforço conjunto entre sociedade civil e grupos culturais, com ou sem participação do poder público, sendo a participação popular pré-requisito para sua realização e tendo também como objetivo a longo prazo a apropriação pela sociedade civil dos espaços trabalhados. O assunto é relevante e tem ganhado notoriedade nos últimos anos em diversas áreas do conhecimento, como arquitetura, urbanismo, ciências sociais, comunicação e artes, buscando refletir sobre o uso de espaços públicos de forma a promover a cidadania, o relacionamento entre pessoas e o afeto com a própria cidade.

2. Intervenções Urbanas e Participação Pública

Nos debruçamos sobre a questão da vida fora das casas - enquanto locais físicos privados, nos espaços públicos que promovem cidades mais criativas em seu uso junto à possibilidade de participação das pessoas e sua reflexão sobre sua própria função social enquanto cidadãos participantes na construção da cidade. Assim, propõe-se trabalhar a questão da intervenção urbana que acontece ocasionalmente ou temporariamente em espaços públicos.

O estímulo ao uso de espaços públicos, neste trabalho, tem como meio a realização de intervenções de curta duração que visam estimular a dimensão social e política da participação, aproveitando os hábitos diários das pessoas para trabalhar de forma colaborativa nas experiências construídas analisando a posição em que o trabalho de arte e as pessoas ocupam no contexto em que estão inseridas (BISHOP, 2006), estimulando a apropriação dos espaços pelos moradores de forma orgânica. Para isso, é necessário entender os processos dos moradores, seus hábitos e relacionamentos com o espaço, quais suas necessidades e expectativas, compreender as especificidades do público e espaços trabalhados; paralelamente, permitir que o público faça parte do processo de criação da ação pensada, seja coautor junto aos artistas, diminuindo a distância entre espectadores e atores - ou mesclando seus papéis.

A investigação se desenvolve buscando respostas para as perguntas levantadas por Bishop em seu artigo “Antagonismo e Estética Relacional” que desenvolve uma análise sobre o processo curatorial da arte produzida desde os anos 90 nos trabalhos que buscavam interação com o público, fazendo com que a obra de arte só acontecesse de fato quando estabelecia uma relação com o público, em um processo de continuidade da obra a cada novo visitante. Bishop analisa:

“Não estou sugerindo que trabalhos de arte relacional precisem desenvolver maior consciência social – fazendo murais com recortes de jornal sobre terrorismo internacional, por exemplo, ou distribuindo legumes com curry a refugiados. Estou simplesmente me perguntando como decidimos o que constitui a “estrutura” de um trabalho relacional e se isso é separável do tema visível no trabalho ou se é permeável a seu contexto. Bourriaud quer igualar o julgamento estético ao julgamento ético-político das relações produzidas por um trabalho de arte. Mas como medimos ou comparamos essas relações? A qualidade das relações em “estética relacional” nunca são examinadas ou colocadas em questão. Quando Bourriaud afirma que “encontros são mais importantes que os indivíduos que os compõem”,

percebo que essa questão (para ele) é desnecessária; todas as relações que permitem “diálogo” são automaticamente presumidas democráticas e, portanto, benéficas. Mas o que “democracia” de fato significa nesse contexto? Se a arte relacional produz relações humanas, então, a próxima pergunta lógica a se fazer é quais tipos de relações estão sendo produzidas, para quem e porquê.”

(Bishop, 2004, p120)

Três perguntas levantadas por Bishop contribuem em nossa investigação:

1. Nossa hipótese questiona a afirmação *“Encontros são mais importantes que os indivíduos que os compõem”*, em nossa perspectiva, o contexto em que as ações são realizadas e as pessoas que participam são fundamentais para análise do seu desenvolvimento e resultados;
2. O que democracia significa no contexto da arte, na perspectiva de Bishop e atualmente, na perspectiva das intervenções culturais realizadas em espaços públicos da cidade;
 - A cidade como ambiente de permanência e relacionamento: não se deve negar os conflitos e as diferenças inerentes da sociedade, mas estabelecer diálogos democráticos usufruindo da diferença em uma perspectiva de diversidade e respeito
3. Quais os tipos de relações humanas a arte produz, quais são seus atores e sujeitos, porque elas acontecem, como e quais são os significados dessas relações estabelecidas, mesmo que sejam temporárias e efêmeras
 - é o contexto que define qual arte será bem recebida pelo público; o artista deve fazer parte do processo de criação, não único autor/impor uma atividade - que pode ou não ser bem recebida pelo público
 - Como lidar com os conflitos em um espaço heterogeneo como o espaço urbano

3. Estética Relacional em Nicolas Bourriaud

O trabalho de Nicolas Bourriaud busca apresentar formatos de arte relacional desenvolvidos por diferentes artistas que tem em comum, através de seus trabalhos, estabelecerem pontos de contatos entre as pessoas e suas obras, sendo em alguns casos, a obra a própria comunicação estabelecida entre o público e o público e o artista. Nesta perspectiva, os artistas da estética relacional se preocupam em produzir situações, ocasionais e incomuns, para incentivar que a reação do público de alguma forma que invente novos

modelos de socialidade em espaços inusitados ou de formas inesperadas, por isso ele afirma que “*uma obra pode funcionar como dispositivo relacional com certo grau de aleatoriedade, máquina de provocar e gerar encontros casuais, individuais ou coletivos*”.

Bourriaud está atento às tentativas microscópicas, como ele denomina, de transformações graduais da sociedade: os comitês de bairros, as organizações coletivas, as pequenas comunidades que buscam, mesmo que em escala apenas local, transformar o mundo através de formas de se relacionar.

Essas práticas talvez não mudem a forma com que a sociedade está organizada, mas para aquele grupo de pessoas que se relaciona, são estabelecidas novas regras e formatos de convivência, consumo e práticas que alteram sua organização.

A estética relacional é sobre estabelecer modelos de socialidade mais ou menos concretos, por isso a importância dos happenings, performances, vernissages e momentos de contato entre as pessoas. Ela desenvolve a cultura interativa entre as diferentes formas de intervenções que podem ser estabelecidas, desde a obra e seu criador, passando pela obra e seus receptores, com diferentes backgrounds, experiências, motivações e objetivos. Dessa forma, a obra passa a ser um meio interativo entre a intervenção do público e o criado, tendo a obra papel como objeto cultural.

Hoje com a internet e a multimídiação das coisas, são criados novos espaços de convívio para além do espaço físico, inaugurando novas formas de contato que podem ser estabelecidas, novos sentidos e formatos para os objetos culturais, e novas formas de relacionamento, mediadas por novas estruturas em diferentes linguagens e códigos.

Bourriaud também alimenta nossa pesquisa nos seguintes pontos:

- A arte pode agir como produtora modos de convívio?
- Se a arte produz relações, é importante, ou no mínimo interessante, investigar quais são essas relações
- Quem fala das intervenções urbanas pra que, pra quem é como
- O que ele entende por democracia interativa
- Alimentar a discussão entre democracia e participação política, colocada por Habermas

Nossa hipótese questiona a afirmação “*Encontros são mais importantes que os indivíduos que os compõem*”, em nossa perspectiva, o contexto em que as ações são realizadas e as pessoas que participam são fundamentais para análise do seu desenvolvimento e resultados;

Os trabalhos apresentados por Bourriaud para descrever a estética relacional se preocupam em criar espaços que estimulem o convívio entre a obra de arte e o espectador, mesmo quando a obra for uma degustação de sopas dentro de um museu. O importante para o artista é criar uma situação que estabeleça o contato: ver o artista cozinhar, experimentar, trocar opiniões com as pessoas ao redor. Para ele, não é tão importante saber quem são essas pessoas que estão se comunicando, sobre o que falam, qual a temporalidade dessas relações e grau de capilaridade dessas conversas. Não é uma preocupação da arte relacional estabelecer diálogos entre pares ou opostos, nem criar pontos de contato permanente ou apontar conflitos. É importante criar uma situação de contato. Um happening, uma performance, o acaso, um momento. A busca é pela relação, pelo momento efêmero entre a obra de arte e o espectador.

Por isso também algumas obras são a ação do artista em si, seu processo pessoal de conexão com outras pessoas ou situações. A obra de arte é deslocada do seu contexto para servir ao seu momento único, o momento em que ele acontece para cada pessoa, a cada novo visitante se tem uma nova obra de arte acontecendo, uma vez que e através desse contato que ela existe.

Bourriaud faz uma afirmação sobre a arte relacional que pretende mudar sua função social "a arte não tenta mais imaginar utopias, e sim construir espaços concretos". Ele afirma que a arte não precisa ser "útil", no sentido capitalista do termo, de um produto com uma função designada. No entanto, a arte pretende criar novas formas de, se não um novo mundo, novas formas de organização da sociedade e estruturas sociais, novas formas de lidar com o mundo. Desta forma, o papel da estética relacional é construir obras de arte que criem diálogos com a organização social, com o uso do espaço em que está presente: o museu passa a ser um ambiente de convívio, de refeição coletiva um espaço de sociabilidade, e não mais o cubo branco por si só.

Bibliografia

BISHOP, Claire. **Antagonismo e estética relacional**. Revista Tatuí nº12. Disponível em: <https://issuu.com/tatui/docs/tatui12/7> Acesso: 24.04.2016

BISHOP, Claire. **Participation**. London: Whitechapel Art Gallery, 2006.

BOURRIAUD, Nicolas, **Relational Aesthetics**, France, Les Presses du Réel, 2002.